

,UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Eduarda Baganha Miranda

SOFT POWER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Rodrigo Christofolletti.

Juiz de Fora
2025

SOFT POWER NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

Maria Eduarda Baganha Miranda¹

RESUMO

Este artigo busca analisar o papel do *soft power* nas relações internacionais contemporâneas e a sua influência sobre a política interna dos países. A partir de uma abordagem qualitativa e de revisão bibliográfica, o estudo parte do conceito desenvolvido pelo cientista político norte-americano, Joseph Nye, e o articula com o patrimônio cultural, a diplomacia pública e a construção simbólica de narrativas nacionais. São mobilizados três países como referência, Estados Unidos, China e Brasil, com o objetivo de compreender como a projeção externa da imagem nacional interfere diretamente na legitimação de políticas internas e na criação da identidade política e cultural. Utilizam-se como base teórica e analítica materiais didáticos e acadêmicos que exploram o conceito de poder simbólico e os instrumentos culturais como formas de influência não coercitiva. Espera-se demonstrar que o *soft power*, para além de um recurso de relações exteriores, atua como ferramenta de gestão simbólica no espaço interno, refletindo disputas políticas e ideológicas dentro dos próprios Estados. O estudo evidencia também os limites e contradições desse poder quando desconectado da prática política real e propõe reflexões sobre o papel estratégico da cultura, da comunicação e do patrimônio nas dinâmicas internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: *Soft power*. Relações internacionais. Diplomacia. Política interna. Patrimônio simbólico.

1. INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo das relações internacionais é demarcado por uma complexidade crescente. As disputas de poder deixaram de se restringir ao campo militar e econômico para abranger também o domínio simbólico, cultural e comunicacional, ou seja, formas mais sutis e persuasivas de poder. Neste contexto, o conceito de *soft power*, desenvolvido por Joseph Nye, ganha centralidade ao propor uma forma de influência baseada na persuasão, na atração e na construção de narrativas, em oposição ao poder coercitivo, conhecido como *hard power*. A capacidade de um Estado em projetar sua imagem, seus valores e sua cultura para além das fronteiras nacionais tem se mostrado decisiva, tanto para sua inserção internacional, quanto para a legitimação de políticas internas.

Este artigo tem como objetivo analisar como o poder brando opera como instrumento de influência nas relações internacionais contemporâneas, com especial atenção à forma como essa ação repercute nas esferas políticas e culturais internas dos países. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e teórica, com base em revisão bibliográfica, utilizando como referência principal os estudos de Joseph Nye, além de materiais didáticos e acadêmicos fornecidos pelo orientador. Com o objetivo de compreender como a projeção externa da imagem nacional interfere diretamente na legitimação de políticas internas, e também, na composição da identidade política e cultural, serão analisados exemplos de estratégias de *soft power* implementadas pelos Estados Unidos, pela China e pelo Brasil, considerando seus recursos simbólicos, culturais e diplomáticos. Essa seleção permite uma análise comparativa de abordagens e resultados na aplicação desse poder, levando em consideração as particularidades culturais, históricas e políticas de cada um deles. Do mesmo modo, espera-se apresentar que, o poder brando atua como meio de gestão simbólica no espaço interno, refletindo as disputas políticas e ideológicas dentro dos próprios Estados, ou seja, é mais do que um recurso das relações exteriores.

A escolha do tema justifica-se pela crescente relevância do *soft power* como ferramenta de inserção internacional e de conformação simbólica da identidade nacional. Ao explorar os vínculos entre imagem externa e política interna, busca-se compreender os usos e limites desse poder em contextos diversos. O artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica do conceito de *soft power* e sua articulação com o patrimônio cultural e a diplomacia; em seguida, discute-se a metodologia e os casos analisados, por fim, são fornecidas considerações sobre os achados da pesquisa, indicando possíveis contribuições e limitações desse poder quando desconectado da realidade da prática política, podendo propor

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Rodrigo Christofolletti.

reflexões sobre o papel da cultura de forma estratégica, assim como da comunicação e do patrimônio nas dinâmicas internacionais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O CONCEITO DE *SOFT POWER* E SUA IMPORTÂNCIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

No campo das Relações Internacionais, a noção de poder foi tradicionalmente associada à força coercitiva, seja econômica, militar ou política. No entanto, com a intensificação da globalização, das tecnologias voltadas à comunicação e da circulação simbólica, o debate sobre formas variadas de influência ganhou destaque. Na existência de um país com uma cultura atrativa e tentadora, os demais irão desejar saber e ouvir mais sobre, e é nesse contexto que o cientista político, Joseph Nye, introduz o conceito de *soft power* no final da década de 1980, definindo-o como a capacidade de um país de garantir os interesses desejados nas relações internacionais por meio da atração e persuasão, em vez de coerção ou pagamento (BALLERINI, 2017). Essa maneira de poder não coercitivo, vem se mostrando cada vez mais notório na construção de alianças, promoção de interesses, e também, legitimação de ações no cenário internacional.

O *soft power* pode ser traduzido como antônimo do *hard power* por atuar por meio dos valores culturais, dos ideais políticos e das instituições que atraem, inspiram e seduzem, e não com base na força militar e/ou nas imposições econômicas para induzir, ou até mesmo forçar, o comportamento dos demais, caracterizadas pelo segundo poder. Em outras palavras, trata-se de um poder simbólico, capaz de influenciar comportamentos e decisões a partir da construção de uma imagem positiva perante o mundo, com a atração de cultura, valores e política. No entanto, como reforçado por Nye, "*Credibility is the scarcest resource in politics today, and it's essential for soft power*"² (HARVARD KENNEDY SCHOOL, 2015). Dessa forma, a eficácia desse poder não depende apenas dos recursos naturais, mas também, da percepção externa de legitimidade.

Nesse sentido, o *soft power* opera como um instrumento de diplomacia cultural e pública ao projetar uma imagem nacional desejável por meio de expressões artísticas, ciência, educação, esportes, mídia e tradições. Para além disso, esse tipo de poder também se articula com processos internos de construção de identidade nacional e de legitimação de regimes políticos. A argumentação de Nye sobre a atuação do *soft power* no mundo contemporâneo, com a sua capacidade de atração, demonstra que é tão importante quanto a coação. Esse poder não é menos influente por isso, mas sim, uma maneira distinta e mais eficaz a longo prazo, pois, pode gerar consentimento e legitimidade, ao contrário de resistência e ressentimento.

O conceito, apesar de amplamente adotado, não está isento de críticas. O uso do *soft power* pode mascarar relações desiguais de poder, manipular imagens nacionais e ser mobilizado por regimes autoritários como mecanismo de controle simbólico. Ainda assim, o conceito se mantém relevante para compreender as novas formas de disputa no campo das relações internacionais, essas que se travam no imaginário, nas representações e nos valores que circulam globalmente. Os países perceberam seu potencial e passaram, assim, a investir consideravelmente nesse poder como estratégia.

2.2. *SOFT POWER* COMO FERRAMENTA DE DIPLOMACIA CULTURAL E POLÍTICA SIMBÓLICA

O patrimônio cultural de um país, em sua vasta e multifacetada expressão, constitui um recurso intrínseco e poderoso de *soft power*. Ele abrange desde monumentos históricos, sítios arqueológicos e obras de arte até tradições, costumes, línguas, culinária e manifestações folclóricas. A capacidade de um país em preservar, promover e compartilhar seu patrimônio cultural com o mundo pode gerar admiração, curiosidade e um senso de conexão, elementos essenciais para a atração e persuasão que caracterizam o *soft power*. O reconhecimento internacional de um patrimônio cultural, muitas vezes mediado por organizações como a UNESCO, confere prestígio e visibilidade, fortalecendo a imagem de um país como detentor de uma rica história e identidade. Como aponta Christofolletti (2023), o patrimônio cultural, longe de ser neutro, é também um campo

² "Hoje, a credibilidade é o recurso mais escasso na política, e é essencial para o poder brando" (HARVARD KENNEDY SCHOOL, 2015, tradução nossa)

de disputas simbólicas e políticas, o que reforça sua relevância estratégica nas relações internacionais e nos faz ser o que somos.

Por sua vez, a diplomacia pública é o meio pelo qual os Estados buscam influenciar a opinião pública em outros países, promovendo seus interesses nacionais por meio da disseminação de informações, ideias e cultura. Ela difere da diplomacia tradicional, que se concentra nas relações entre governos, ao se dirigir diretamente às populações estrangeiras. A diplomacia pública utiliza uma variedade de canais e estratégias, incluindo intercâmbios culturais e educacionais, transmissões de rádio e televisão internacionais, mídias sociais, programas de visitas e a promoção de eventos culturais. O objetivo é construir uma imagem positiva do país, fomentar a compreensão mútua e, em última instância, criar um ambiente favorável para a consecução de seus objetivos de política externa. Ballerini (2017) observa que expressões como o carnaval, a música popular e a gastronomia projetam internacionalmente uma imagem vibrante e única do Brasil.

O encontro entre patrimônio cultural e diplomacia pública é evidente. Ao ser aplicado de forma estratégica, o patrimônio cultural serve como um ativo valioso para a diplomacia pública, fornecendo conteúdo autêntico e atraente para ser compartilhado com o mundo. Exibição de artefatos históricos em exposições internacionais, promoção de festivais de música ou dança tradicionais são exemplos que podem despertar o interesse e a afinidade de públicos estrangeiros. A diplomacia pública, ao destacar e valorizar o patrimônio cultural, projeta uma imagem positiva do país e contribui para a preservação e reconhecimento global. Ao mesmo tempo, isso é reconhecido como política simbólica, moldando percepções, construindo narrativas e fortalecendo a identidade nacional perante o cenário internacional.

2.3. ESTRATÉGIAS DE *SOFT POWER* EM CONTEXTOS COMPARADOS: ESTADOS UNIDOS, CHINA E BRASIL

2.3.1. ESTADOS UNIDOS

Os Estados Unidos são frequentemente citados como o principal exemplo de nação que exerce um *soft power* significativo no cenário global, fruto de um conjunto desenvolvido de recursos culturais, institucionais e políticos. Como conceitua Nye (2004), trata-se da capacidade de influenciar por meio da atração, e, historicamente, o país tem mobilizado esse poder com êxito. A cultura popular americana, transmitida por Hollywood, música popular, esportes, plataformas digitais e pelo “*American Way of Life*”, ultrapassou fronteiras internacionais e molda gerações em todo o mundo. Os filmes, as séries, as músicas e as marcas americanas geram entretenimento enquanto transmitem valores, desejos e um estilo de vida altamente almejado. Tal inserção cultural cria uma afinidade e familiaridade dos demais com os Estados Unidos, facilitando a aceitação dos ideais e opiniões políticas norte-americanas. Instituições acadêmicas de prestígio, como Harvard e MIT, também funcionam como pólo de atração para estudantes e pesquisadores de todo o mundo, intensificando a reputação do país como centro de inovação e conhecimento.

No campo dos valores políticos, a narrativa de democracia liberal, liberdade de expressão e direitos humanos é a parte central da diplomacia norte-americana, sendo amplamente apresentada por seus órgãos de comunicação internacionais e pelas redes sociais. Isso faz com que a imagem do país seja vista como uma terra de oportunidades, de liberdade e de inovação, sendo, um ímã para imigrantes de todo o mundo, e um modelo para movimentos democráticos em diversas regiões. A defesa da democracia, dos direitos humanos e do livre mercado, embora questionada por inconsistências entre o discurso e a prática, continua sendo um pilar do *soft power* americano. Políticas externas que incluem ajuda humanitária, programas de intercâmbio e cooperação científica também fortalecem essa imagem. Como aponta Ohnesorge (2020), a eficácia do poder brando depende do alinhamento entre recursos, instrumentos e recepção, nesse sentido, os Estados Unidos apresentam índices elevados de aceitação, embora impactados por episódios recentes de instabilidade interna e divisões políticas.

A influência norte-americana na política interna de outros países é multifacetada. Por meio da disseminação de valores democráticos, por exemplo, o incentivo de movimentos sociais e políticos que buscam reformas internas, podem pressionar os governos a adotar práticas mais transparentes e inclusivas. No que lhe diz respeito, a atração pela cultura americana pode levar à adoção de modelos de consumo e estilos de vida que geram demandas por produtos e serviços específicos, impactando economias locais e políticas comerciais. No entanto, esse poder de atração não é isento de críticas, o processo de “americanização” é frequentemente visto como uma ameaça à diversidade cultural e à soberania nacional, gerando resistências e movimentos

antiamericanos. Assim, a percepção da identidade nacional americana, tanto interna quanto externa, é constantemente moldada por essa dinâmica entre atração e repulsa, entre o ideal e a realidade de suas ações no cenário global.

Relatórios como o *The Soft Power 30 Report* (2019) e pesquisas do *Pew Research Center* (2023) confirmam a liderança norte-americana em dimensões como cultura, inovação e educação, mas também apontam oscilações na percepção internacional decorrentes de crises políticas internas e decisões controversas de política externa. Apesar dessas variações, os Estados Unidos mantêm uma posição de destaque nos principais rankings de *soft power*, servindo como referência para outras nações na articulação entre influência cultural e projeção política.

2.3.2. CHINA

A ascensão da China como potência global tem sido acompanhada por uma dedicação crescente para desenvolver e projetar seu *soft power*. Consciente de que o poder econômico e militar por si só não garantem influência e legitimidade permanentes e atrativas, o governo chinês tem investido significativamente em estratégias de diplomacia pública e cultural. Essa, parte de inserção cultural, educacional, midiática e econômica, principalmente na América Latina, é articulada como parte de um projeto mais abrangente de consolidação de atuação cultural, econômica e política na região. Um dos exemplos mais relevantes, conforme a análise de Ellis (2011), é a utilização de instrumentos como a expansão dos Institutos Confúcio, esses, voltados para o ensino da língua e cultura chinesa em todo o mundo. E também, são adotados acordos culturais, programas de intercâmbio e o fortalecimento da presença midiática para projetar uma imagem positiva da China e do seu modelo de desenvolvimento, utilizando sua ampla herança cultural como elemento de atração.

Tais ações, combinadas com investimentos altos e parcerias comerciais, estão em busca da criação de laços, afinidade e confiança mútua junto às sociedades latino-americanas, funcionando como complemento às iniciativas de *hard power*, e como meio de reduzir a predominância histórica dos Estados Unidos no hemisfério sul-americano. Ao ressaltar narrativas e estabelecer redes de cooperação cultural e educacional, a China transforma o poder brando em um ativo estratégico essencial para sustentar o engajamento de longo prazo na América Latina. O rápido desenvolvimento econômico do país e a sua capacidade de tirar milhões de pessoas da pobreza, também se destacam como fontes importantes de *soft power*. Para muitos países em desenvolvimento, o chamado “modelo chinês” de crescimento econômico, que combina um forte controle e planejamento estatal com uma economia de mercado, pode ser visto como uma alternativa atraente aos modelos ocidentais. A iniciativa da Nova Rota da Seda (*Belt and Road Initiative - BRI*), exemplifica como a China articula projetos de infraestrutura com objetivos econômicos, culturais e geopolíticos, visando ampliar sua influência global.

No entanto, o *soft power* chinês enfrenta desafios e limites significativos, especialmente em relação a questões de direitos humanos, censura e à natureza autoritária de seu sistema político. A repressão a minorias étnicas, a falta de liberdade de expressão e a ausência de pluralismo político geram críticas e desconfiança em muitas partes do mundo, minando os esforços de diplomacia pública (PEW RESEARCH CENTER, 2023). A percepção de que o *soft power* chinês é usado como uma ferramenta de propaganda estatal, e não como expressão genuína de atração cultural, também limita sua eficácia. Como observa Ohnesorge (2020), o êxito do poder brando depende não apenas da disponibilidade de recursos e instrumentos, mas também, da forma como estes são recebidos e aceitos internacionalmente. Nesse sentido, apesar de avanços consideráveis, a China ainda enfrenta obstáculos expressivos na dimensão da recepção, o que contribui para que seu posicionamento nos principais índices globais de *soft power* (THE SOFT POWER 30 REPORT, 2019) seja inferior ao de outras potências, como os Estados Unidos.

2.3.3. BRASIL

O Brasil, como uma das maiores economias emergentes e um país de ampla diversidade cultural e natural, apresenta um *soft power* fortemente firmado em seus recursos culturais. A cultura brasileira vibrante é reconhecida mundialmente, expressa pela música popular (samba, bossa nova e MPB), pelo futebol, pela diversidade gastronômica e por festas populares como o carnaval. Ballerini (2017) destaca que, essas expressões, mesmo surgindo de forma espontânea, exercem grande atração internacional e projetam uma

imagem de um país acolhedor, alegre e criativo. Somado às suas belezas naturais, como a Amazônia e as praias paradisíacas, contribuem para uma percepção positiva no exterior. Da mesma forma, o patrimônio cultural brasileiro, que inclui sítios históricos, tradições indígenas e uma rica produção artística, constitui, conforme Christofolletti (2023), um ativo estratégico para a diplomacia cultural e a política simbólica, embora, na maioria dos casos, não seja plenamente explorado por políticas públicas coordenadas.

No campo político, o Brasil tem buscado o protagonismo regional e global por meio de sua diplomacia, se apresentando como defensor da democracia e da cooperação internacional, com destaque para a diplomacia Sul-Sul e a participação em fóruns multilaterais. Tais iniciativas são exemplos de como o país tenta exercer influência por meio de atração e persuasão, e, historicamente, essa postura lhe rendeu credibilidade e simpatia, especialmente em países em desenvolvimento. Contudo, como apontam Valença e Carvalho (2014), a inserção brasileira em estruturas de influência global requer o uso combinado de *soft power* e *hard power*, podendo gerar tensões paradigmáticas.

Apesar desse potencial, o poder brando brasileiro enfrenta desafios internos que impactam sua projeção externa. Ou seja, instabilidades políticas internas e crises econômicas recentes, desigualdade social, corrupção e problemas ambientais como o desmatamento da Amazônia, afetam a credibilidade do país e limitam a eficácia de sua diplomacia pública. A imagem de um Brasil com grandes questões internas pode contradizer a narrativa de um país promissor e responsável, dificultando a validação de suas políticas e a aceitação de sua liderança. Os reflexos do *soft power* brasileiro na legitimação de políticas internas e na identidade nacional são complexos, a exaltação da cultura e da diversidade pode fortalecer o sentimento de pertencimento e orgulho nacional, mas também, pode ser utilizada para desviar a atenção de problemas estruturais.

Instrumentos como a exportação de telenovelas, a realização de grandes eventos esportivos (Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016) e programas internacionais, mostram a capacidade brasileira de mobilizar recursos de *soft power*. Porém, como analisa Ohnesorge (2020), a conversão desses recursos em resultados concretos exige uma estratégia consistente articulada com os objetivos da política externa. Nos principais rankings internacionais, como o *The Soft Power Report* (2019), o Brasil aparece com desempenho moderado, refletindo seu potencial cultural expressivo e os desafios na gestão e projeção internacional dessa imagem. Vale ressaltar que, por vezes, os estereótipos sobre o Brasil (samba, futebol, carnaval, etc) podem ser mais fortes do que a autopercepção do país, exigindo um esforço contínuo para inverter esses símbolos e criar novas perspectivas de visibilidade internacional.

2.3.4. ANÁLISE COMPARATIVA

O quadro abaixo (Quadro 1) torna evidente a forma como os países, Estados Unidos, China e Brasil utilizam de forma distinta os elementos principais do *soft power*, refletindo tanto suas capacidades materiais, quanto suas narrativas simbólicas.

Quadro 1: Comparativo entre os elementos de *Soft Power* nos Estados Unidos, China e Brasil

Elemento / País	EUA	China	Brasil
Cultura	Cinema, música <i>pop</i> , moda e esportes. Influência global consolidada.	Cinema e TV nacional, música tradicional e festivais culturais. Exportação cultural em crescimento.	Música (Bossa Nova, MPB, <i>funk</i>), carnaval e futebol. Forte impacto na América Latina.
Valores Políticos	Democracia liberal, direitos humanos (com críticas por incoerências).	Socialismo com características chinesas. Ênfase na estabilidade e no desenvolvimento econômico.	Democracia representativa. Imagem de país pacífico e multicultural.

Políticas Externas	Intervenção militar e econômica. Programas de ajuda humanitária. Diplomacia cultural por meio de intercâmbios.	Investimentos via Institutos Confúcio. Ajuda médica e tecnológica.	Cooperação Sul-Sul. Diplomacia cultural e esportiva. Atuação em organismos multilaterais.
Credibilidade Internacional	Alta, mas abalada por guerras e polarização interna.	Crescente, mas marcada por desconfiança ocidental.	Positiva no campo cultural, mas limitada pela instabilidade política e econômica.
Instrumentos de Soft Power	Bolsas <i>Fulbright</i> , <i>Voice of America</i> , centros culturais, cinema e universidades.	Institutos Confúcio, CGTN, bolsas de estudo e festivais culturais.	Itamaraty cultural, exportação de novelas e eventos esportivos (Copa 2014 e Olimpíadas 2016).
Desafios Internos	Polarização política, imagem externa afetada por guerras	Desconfiança sobre intenções geopolíticas	Desigualdade social, violência urbana

Fonte: Elaborada pela autora (2025), com base na revisão bibliográfica do artigo.

A análise confirma a posição dos Estados Unidos como maior potência de *soft power*, contando com pontuações máximas no âmbito da cultura e instrumentos. Isso, pode ser relacionado ao resultado de sua relevância histórica proveniente de *Hollywood*, da música pop, das universidades de maior prestígio e da mídia global. Como aponta Nye (2011), tal poder advém da capacidade de definir agendas e moldar preferência por meio da atração. No entanto, Ohnesorge (2020), chama a atenção para a eficácia está relacionada à recepção pelas demais nações, ou seja, as crises internas e as guerras recentes, reduziram a credibilidade do país, mesmo que os recursos e os instrumentos permaneçam em prestígio.

Já o desempenho chinês, é mais equilibrado entre políticas externas e instrumentos, indo em concordância com a análise de Ellis (2011) sobre o uso de projetos como os Institutos Confúcio para consolidar a influência. Ohnesorge (2020), classificaria isso como grande investimento em instrumentos e recursos, mas com desafios na recepção devido à desconfiança proveniente do ocidente. A concepção de Christofolletti (2023) ajuda a compreender que, o patrimônio cultural chinês, como a medicina tradicional, caligrafia e arquitetura histórica, é mobilizado para conceber uma proximidade cultural, porém, na maioria das vezes é notado como uma forma estratégica e controlada pelo Estado.

Por fim, o Brasil apresenta alta relevância no âmbito da cultura, com grande potencial oriundo de elementos como o carnaval, o futebol, a música e a gastronomia. Segundo Ballerini (2017), tal relevância carece de institucionalização e de políticas consistentes para se transformar em influência política, embora seja reconhecida mundialmente. Nas áreas de políticas externas e instrumentos, o país é mediano, mostrando a ausência de um projeto coordenado de *soft power*. Na visão de Christofolletti (2023), o patrimônio cultural brasileiro é uma poderosa ferramenta de atração, porém, ainda é subexplorada no cenário internacional. O trecho abaixo enfatiza essa visão:

"[...] the past government of president Jair Bolsonaro and its character of dividing opinions even among the international community; the Brazilian particularity of reinventing itself and being among the champions in the soft power category in Latin America, guided especially by our traditional and biggest cultural event called carnival, from the visibility of national football as well as the prominence of monuments such as Christ the Redeemer." (CARDOSO, 2023, p. 174)³

Ohnesorge (2020) enfatiza que, sem alinhar recursos, instrumentos e resultados, a eficácia permanecerá limitada. Portanto, pode-se analisar, a leitura integrada mostra que, enquanto os Estados Unidos e

China tratam o *soft power* como política de Estado articulada, o Brasil permanece em um modelo espontâneo e fragmentado, baseado na visibilidade cultural, mas, pouco pertencente a uma estratégia diplomática sólida. O quadro de Ohnesorge (2020) deixa claro que a lacuna brasileira está na transformação de recursos culturais em resultados políticos, enquanto Christofolletti (2023) reforça que, o patrimônio cultural pode ser o diferencial brasileiro, caso haja investimento e planejamento para tal.

2.4. SOFT POWER E POLÍTICA INTERNA: PROJEÇÃO SIMBÓLICA E LEGITIMAÇÃO NACIONAL

A projeção externa da imagem nacional, impulsionada pelo *soft power*, exerce uma influência considerável na legitimação de políticas internas. Quando um país consegue construir uma imagem positiva e atraente no cenário internacional, tal percepção favorável pode ser capitalizada internamente para fortalecer a legitimidade de seu governo e de suas ações. Por exemplo, o reconhecimento global de uma cultura vibrante ou de valores democráticos pode gerar um senso de orgulho nacional e coesão social, facilitando a aceitação de políticas que, de outra forma, poderiam enfrentar resistência. A aprovação externa confere uma confirmação moral e política que pode ser utilizada para silenciar críticas internas, ou até para mobilizar apoio em torno de agendas específicas. Em outras palavras, o *soft power* atua como um mecanismo de validação, transformando a admiração externa em capital político interno.

Fora a legitimação de políticas, o poder brando também contribui para a conformação da identidade política e cultural de um país. O meio pelo qual uma nação é percebida no exterior e como essa percepção é internalizada, pode moldar o autoconhecimento e o senso de pertencimento de seus cidadãos. A cultura popular, os valores políticos e as políticas externas que geram atração global, não apenas influenciam o comportamento de outros Estados, mas também reforçam ou redefinem a própria identidade nacional. Para exemplificar, se a cultura de um país é amplamente celebrada, isso pode fortalecer a autoestima cultural de sua população e incentivar a valorização de suas tradições. Contudo, essa conformação identitária não é um processo homogêneo; ela reflete e é atravessada por disputas políticas e ideológicas internas o tempo todo.

Portanto, o uso desse poder não é neutro e frequentemente reflete e intensifica disputas políticas e ideológicas dentro dos próprios Estados. Diferentes grupos e corporações podem ter visões distintas sobre qual aspecto da cultura, quais valores ou quais políticas externas devem ser promovidos para maximizar o *soft power* do país, ou até mesmo, de reconhecer tais aspectos como parte da cultura e dos valores do próprio país. Essas divergências podem levar a debates acirrados sobre a identidade nacional, sobre o papel do país no mundo e sobre as prioridades da política interna. A promoção de certos aspectos culturais pode ser vista por alguns como uma forma de imperialismo cultural, enquanto outros a defendem como uma expressão legítima da identidade nacional. A maneira como um governo utiliza o *soft power* pode ser interpretada como uma tentativa de impor uma determinada visão ideológica, gerando resistência por parte de grupos que se sentem marginalizados ou representados de forma inadequada. Assim, este, embora projetado para influenciar externamente, torna-se um campo de batalha simbólico no espaço interno, onde a busca por legitimidade e a definição da identidade nacional estão em constante negociação.

2.5. LIMITES E CONTRADIÇÕES DO SOFT POWER

Embora o poder brando seja uma ferramenta poderosa e cada dia mais relevante nas relações internacionais, ele não está isento de limites e contradições. Uma das principais críticas consiste na sua potencial desconexão da prática política real. A atração gerada pela cultura, pelos valores ou pelas políticas de um país pode ser rapidamente corrompida se as ações concretas desse país no cenário global, ou em sua política interna, contradizem com a imagem que ele busca projetar para o mundo. Um país que promove a democracia e os direitos humanos pode ter seu *soft power* seriamente comprometido se for flagrado violando esses mesmos princípios em seu território ou em suas relações com outras nações. Ou seja, a hipocrisia

³ “[...] o último governo do presidente Jair Bolsonaro e seu caráter de dividir opiniões até mesmo entre a comunidade internacional; a particularidade brasileira de se reinventar e estar entre os campeões na categoria de poder suave na América Latina, guiada especialmente por nosso tradicional e maior evento cultural chamado carnaval, pela visibilidade do futebol nacional e pelo destaque de monumentos como o Cristo Redentor.” (CARDOSO, 2023, p. 174, tradução nossa)

percebida por terceiros, pode gerar desconfiança e ressentimento, transformando a atração em afastamento e repulsa (NOYA, 2005).

A efetividade do *soft power* é frequentemente desafiada por fatores como a desigualdade de poder, a polarização ideológica e a ascensão de narrativas contra hegemônicas. Em um mundo onde o *hard power* ainda se faz presente e desempenha um papel crucial, o seu antônimo pode ter sua capacidade de influência limitada e diminuída, especialmente em situações de conflito ou de interesses diretamente opostos. A propaganda e a desinformação, por exemplo, podem distorcer a percepção da imagem de um país, dificultando a ação do *soft power*. O crescimento de países que desafiam as regras estabelecidas e o questionamento do sistema liberal internacional, também criam um ambiente desafiador para o *soft power*, que muitas vezes se baseia em valores universais que nem sempre são aceitos por todos os participantes.

A relação entre *soft power* e *hard power* é complexa e interdependente. Joseph Nye, ao introduzir o conceito de *smart power*, argumenta que a combinação eficaz de ambos é a estratégia mais potente para alcançar objetivos de política externa (NYE, 2004). O *hard power* pode criar as condições para que o *soft power* seja exercido, garantindo a segurança e a estabilidade que permitem o crescimento cultural e a promoção de valores. No entanto, o uso excessivo ou inadequado do *hard power* pode estragar o *soft power*, gerando resistência e inimizade. Da mesma forma, um *soft power* bem desenvolvido pode reduzir a necessidade de recorrer ao *hard power*, ao gerar consentimento e cooperação. A tensão entre esses dois tipos de poder é uma questão recorrente nas relações internacionais, e, a capacidade de um país em os equilibrar de forma estratégica é crucial para o sucesso de sua política externa. O *soft power*, portanto, não é um remédio, mas uma ferramenta que deve ser utilizada com discernimento, em conjunto com outras formas de poder, e sempre em sintonia com a prática política real para ser verdadeiramente eficaz.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar e compreender o papel do *soft power* nas relações internacionais contemporâneas e sua influência sobre a política interna dos países, partindo do conceito desenvolvido por Joseph Nye e o articulando com o patrimônio cultural, a diplomacia pública e a construção simbólica de narrativas nacionais. Através da análise comparativa dos casos dos Estados Unidos, da China e do Brasil, foi possível compreender como a projeção externa da imagem nacional interfere diretamente na legitimação de políticas internas e na conformação da identidade cultural e política.

Pela interpretação, é possível notar que o *soft power*, para além de um recurso de relações exteriores, atua como uma poderosa ferramenta de gestão simbólica no espaço interno. A capacidade de um país em atrair e persuadir outros por meio de sua cultura, seus valores e suas políticas externas fortalece sua posição e influência no cenário global, como também, gera um capital político que pode vir a ser utilizado para legitimar ações governamentais e moldar a percepção da identidade nacional entre seus próprios cidadãos. A admiração externa se traduz em uma confirmação que pode silenciar críticas e mobilizar apoio, reforçando a coesão social e o orgulho nacional.

No entanto, o estudo também evidenciou os limites e contradições desse poder. A eficácia do *soft power* é profundamente ligada à coerência entre a imagem projetada e a prática política exercida, real. Discrepâncias entre o discurso e a ação, especialmente em questões de direitos humanos, democracia ou sustentabilidade, podem rapidamente acabar com a credibilidade e a atratividade de um país. Além disso, o poder brando não opera em um sozinho, ele interage e é influenciado pelo *hard power*, e sua efetividade pode ser desafiada por contextos de polarização ideológica e pela ascensão de narrativas contra-hegemônicas.

As análises dos casos de Estados Unidos, China e Brasil ilustraram as diferentes abordagens e os desafios enfrentados por cada um na projeção de seu próprio *soft power*. Os Estados Unidos, com sua hegemonia cultural e valores democráticos, enfrentam o desafio de conciliar sua imagem com as percepções geradas por suas políticas externas. Por sua vez, a China em sua ascensão, busca utilizar sua cultura e desenvolvimento econômico como fontes de atração, mas lida com as contradições impostas por seu sistema político. Enquanto o Brasil, com sua rica diversidade cultural, busca protagonismo regional, mas precisa superar desafios internos para consolidar sua imagem no exterior.

Em suma, o *soft power* é um fenômeno complexo e dinâmico, que reflete disputas políticas e ideológicas, tanto no âmbito internacional quanto no doméstico. O papel estratégico da cultura, da comunicação e do patrimônio nas dinâmicas internacionais é inegável, e, a capacidade de um país em gerenciar esses recursos de forma eficaz é crucial para sua influência no século XXI. Para futuras pesquisas, sugere-se

aprofundar a análise sobre a recepção do *soft power* em diferentes contextos culturais, bem como, investigar o impacto das mídias sociais e das novas tecnologias na sua disseminação e contestação. Além disso, seria relevante explorar como atores não estatais, como organizações da sociedade civil e empresas transnacionais, também exercem *soft power* e como isso se relaciona com o *soft power* estatal.

REFERÊNCIAS

BALLERINI, Franthiesco. **Poder suave (*soft power*) [recurso eletrônico]: arte africana; arte milenar chinesa; arte renascentista; balé russo; Bollywood; Bossa-Nova; British invasion; carnaval; cultura mag japonesa; Hollywood; moda francesa; tango; telenovelas.** São Paulo: Summus, 2017.

CARDOSO, Lara Elissa Andrade. ***Cultural Heritage as a Potential Soft Power Instrument.*** In: CHRISTOFOLETTI, Rodrigo (ed.). *Soft Power and Heritage.* Cham: Springer, 2023. p. 165-184.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo (ed.). ***Soft Power and Heritage.*** Cham: Springer, 2023.

ELLIS, R. Evan. **O uso do Soft Power (Poder Suave) pela China em apoio ao seu engajamento estratégico na América Latina.** *Joint Force Quarterly*, Washington, DC, n. 60, p. 91-97, 1º trim. 2011. Disponível em: [O uso do Soft Power \(Poder Suave\) pela China em apoio... - Google Acadêmico](#). Acesso em: 1 ago. 2025.

HARVARD KENNEDY SCHOOL (canal). **Joseph Nye – On Soft Power.** YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=58v19OtlIq>. Acesso em: 7 jul. 2025.

NOYA, Javier. ***El poder simbólico de las naciones.*** Documento de Trabajo (DT), Madrid, n. 35, 29 jul. 2005. Disponível em: <http://www.offnews.info/downloads/NoyaPoderSimbolico.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2025.

NYE JR., Joseph S. ***Soft Power: The Means to Success in World Politics.*** New York: Public Affairs, 2004.

NYE JR., Joseph S. ***The Future of Power.*** Nova York: Public Affairs, 2011.

OHNESORGE, Hendrik W. ***Soft Power: The Forces of Attraction in International Relations.*** Cham; New York: Springer International Publishing, 2020. (Global Power Shift Series). ISBN: 978-3-030-29921-7.

PEW RESEARCH CENTER. ***Views of American soft power.*** 27 jun. 2023. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2023/06/27/views-of-american-soft-power/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

THE SOFT POWER 30 REPORT. ***A global ranking of soft power.*** Portland Communications; University of Southern California Center on Public Diplomacy, 2019. Disponível em: https://portland-communications.com/pdf/The-Soft-Power_30.pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

VALENÇA, Marcelo M.; CARVALHO, Gustavo. ***Soft power, hard aspirations: the shifting role of power in Brazilian foreign policy.*** *Brazilian Political Science Review*, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 66–94, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bpsr/a/V7XCzFN6yMQKBmF4BhxGncP/?lang=en>. Acesso em: 3 ago. 2025.